

XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

A taça Jules Rimet: originalidade, autenticidade e valor no contexto do patrimônio esportivo musealizado

The Jules Rimet Cup: originality, authenticity and value concerning sporting heritage in museums

Maria Cristina de A. Mitidieri¹

Luisa Maria G. M. Rocha²

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Na qualidade de manifestação cultural, o esporte e os bens culturais conexos às práticas esportivas – componentes do patrimônio esportivo - foram gradativamente integrados a esfera do patrimônio e dos museus a partir da 2ª metade do século XX. Nesse contexto, destaca-se o futebol, como temática dominante quando se analisam os museus do esporte, no Brasil e em outros países. Por meio de abordagem exploratória e reflexiva, este artigo toma como ponto de partida a trajetória histórica de um icônico troféu do futebol mundial - a taça Jules Rimet – para analisar um conjunto de objetos musealizados em razão de sua relação com este troféu e em exposição no *FIFA World Football Museum* (Zurich), no *National Football Museum* (Manchester) e no Museu Seleção Brasileira (Rio de Janeiro), respectivamente. Analisa o papel desses objetos no contexto de seus respectivos museus, à luz dos conceitos de originalidade, autenticidade e valor. Objetiva compreender os valores atribuídos a estes objetos musealizados que reproduzem e representam a taça Jules Rimet, sua relação com a noção de autenticidade e seu papel como testemunhos históricos. Conclui que o valor destes objetos como testemunhos históricos se sobressai, para além de sua autenticidade material, justificando sua incorporação aos museus, por conta de sua musealidade e seu valor informacional e simbólico, que extrapola o universo esportivo e as conquistas que representam.

Palavras-Chave: Patrimônio Esportivo; Jules Rimet; Museu; Autenticidade.

Abstract: Considered as cultural manifestation, the sport and the cultural assets related to sports practices – configured as sporting heritage - were gradually regarded as heritage and integrated to museums, from the second half of the twentieth century. In this context, soccer stands out as the dominant theme in sports museums, in Brazil and other countries. Through an exploratory and analytical approach, this article takes as its starting point the historical trajectory of an iconic world football trophy - the Jules Rimet Cup - to analyse a set of objects that were musealised based on their connection with this trophy and are on display at the FIFA World Football Museum (Zurich), the National Football Museum (Manchester) and at the Museu Seleção Brasileira (Rio de Janeiro), respectively. It analyses the role of these objects in the context of their respective museums, in the light of the concepts of originality, authenticity and value. It aims to understand the values attributed

¹ Doutoranda Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST (cristina@cmdesign.com.br).

² Doutora em Ciência da Informação, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro e Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST (luisa@jbrj.gov.br).

to these musealized objects that reproduce and represent the Jules Rimet Cup, their connection with the notion of authenticity and their role as historical testimonies. Concludes that the value of these objects as historical testimonies stands out, beyond their material authenticity, justifying their incorporation into museums, due to their museality, informational and symbolic value, which goes beyond the sports universe and the achievements they represent.

Key-words: Sporting Heritage, Jules Rimet; Museum; Autenticity.

1 INTRODUÇÃO

As práticas corporais institucionalizadas estiveram presentes nas sociedades desde a antiguidade, em especial na Grécia, e inspiraram iniciativas como a do Barão Pierre de Coubertin, que se baseou nas competições gregas para instituir os Jogos Olímpicos, em 1896. No entanto, não há consenso sobre a relação de continuidade entre estas práticas corporais antigas e aquilo que presentemente compreendemos como atividades esportivas ou como o esporte moderno. Seja porque o conceito de esporte “não estava disponível no período” (MELO, 2010, p.80), seja pelas profundas diferenças contextuais entre as sociedades pré e pós-industriais que impõem diferentes significados a estas atividades ou mesmo pelas distintas compreensões sobre o significado e os limites do conceito de “esporte” (LAMOTHE, 2016; REILLY, 2014; MELO, 2010).

Embora a história, o significado e as definições do esporte animem os debates entre sociólogos, historiadores e antropólogos, alguns aspectos parecem ser consenso entre pesquisadores de diferentes áreas que se dedicam ao tema. Por exemplo, a noção de que o esporte moderno³ teria sua origem na Inglaterra vitoriana, no século XIX, no contexto de progresso industrial capitalista e de que sua prática teria chegado a outros países por meio dos contatos materiais e simbólicos que marcaram este período, influenciando e sendo influenciada por diferentes culturas, constitui um denominador comum de sua origem moderna (LAMOTHE, 2016; MELO, 2010).

E a partir do final do século XIX, desde os primeiros jogos olímpicos realizados em 1896, passando pela primeira Copa do Mundo em 1930, o esporte torna-se cada vez mais popular e revela-se como uma atividade icônica da vida moderna.

No entanto, a compreensão do esporte como parte integrante do contexto cultural e identitário das sociedades e sua inserção no âmbito do patrimônio e da cultura torna-se perceptível apenas a partir da segunda metade do século XX. Segundo Justine Reilly (2014), autora da tese *“Sport, Museums and Cultural Policy”*⁴, a segunda metade do século XX marca um momento no qual a “cultura popular” começa a ser apresentada nos museus e em outras instituições culturais, passando a ser analisada no contexto acadêmico, sob a

³ Em nossa pesquisa, adotaremos o entendimento do “esporte” como sinônimo de desporto ou desporte e como uma atividade que envolve regras, esforço físico e habilidades específicas, num contexto aonde há instituições representativas (como clubes e outros), regras estabelecidas e aonde indivíduos ou times competem entre si em igualdade de condições.

⁴ Esporte, Museus e Política Cultural, tradução nossa.

influência do pensamento de especialistas como E.P.Thompson e Pierre Bourdieu, abrindo espaço para que o esporte, enquanto manifestação cultural, fosse gradativamente integrado ao contexto do patrimônio e dos museus.

No mesmo período, o interesse pelo esporte, no âmbito dos museus – impulsionado pelo desenvolvimento do esporte organizado e pelas mudanças temáticas que ocorreram por conta da inclusão de temas relacionados à cultura popular neste universo -, se materializa por meio da criação de instituições museológicas, em especial a partir dos anos 1960 (REILY, 2014; PHILLIPS, 2012). A partir dos anos 1980, também a noção de “patrimônio esportivo” – como uma categoria do patrimônio composta pelos bens culturais, materiais e imateriais, pertinentes às práticas e atividades esportivas, que representam aspectos identitários e valores de determinadas comunidades - se estabelece e ganha força no contexto acadêmico e governamental, em especial na França e no Reino Unido (BROMBERGER, 2006; GASTAUT, 2015; LAMOTHE, 2016; MITIDIERI, 2017).

Dentre os inúmeros esportes praticados em todo o mundo, destaca-se o futebol, prática que mobiliza bilhões de pessoas em diversos países, em torno de seus times, suas grandes partidas e de eventos como a Copa do Mundo⁵. Por esta razão, é possível afirmar que o futebol é também o esporte mais representado nos museus. A título de exemplo, podemos citar o contexto brasileiro, aonde encontramos, em pesquisa realizada em março de 2019, 40 museus com temática exclusivamente esportiva, dos quais 20 têm acervos exclusivamente sobre futebol.

No Brasil, assim como em outros países, o futebol começou a ser praticado na segunda metade do séc. XIX, por influência dos estrangeiros – particularmente dos ingleses – que viviam ou que visitavam o país (IÓRIO, 2008). Ao longo das décadas seguintes, este esporte popularizou-se no país e conquistou um amplo número de participantes e torcedores aficionados por seus times e pela seleção nacional, de tal forma que pode ser compreendido como parte da identidade brasileira.

No entanto, a icônica taça Jules Rimet, troféu mais importante do futebol nacional e símbolo do feito inédito do Brasil em 1970 – a conquista de três edições da Copa do Mundo – foi roubada da sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 1983, e

⁵Segundo a Fifa, a Copa do Mundo, de 2014, no Brasil teve 3,2 bilhões de espectadores ao longo da disputa.

posteriormente substituída por uma réplica “oficial”, confeccionada com os mesmos materiais, que se encontra em exposição no museu desta entidade.

A partir da análise da trajetória histórica desta réplica “oficial” e de outros objetos musealizados por conta de sua relação com a taça Jules Rimet “original” desaparecida no Brasil, objetivamos propor uma reflexão sobre a noção de autenticidade e sobre os valores que podem ser atribuídos a certos objetos, justificando a sua musealização. Para tal, tomaremos como estudos de caso a base “original” da taça, em exposição no *FIFA World Football Museum* (Zurich), uma cópia da taça Jules Rimet em exposição no *National Football Museum* (Museu Nacional do Futebol, Manchester) e a já mencionada réplica “oficial” deste troféu, em exposição no Museu Seleção Brasileira (Rio de Janeiro).

A metodologia de abordagem desta questão pauta-se em uma pesquisa reflexiva e exploratória que tem como fundamentação teórica os autores Victor Andrade Melo, Justine Reilly, Mathilde Lamothe e Yvan Gastaut, no que tange às reflexões sobre o patrimônio esportivo e os museus do esporte. Do ponto de vista da Museologia, destacamos a publicação *“Originals And Substitutes in Museums”* (ICOM, 1985) e o trabalho de Waldisa Rússio (2009). Como fontes de informação complementares, em busca de informação documental sobre os objetos e instituições analisados - em especial sobre a trajetória histórica da taça Jules Rimet e dos objetos a ela relacionados -, utilizamos os *websites* e blogs dos museus mencionados, realizando também um levantamento de matérias publicadas em jornais disponíveis online.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A taça Jules Rimet e sua curiosa história

O troféu Jules Rimet foi encomendado pelo presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA) à época, o francês Jules Rimet, para a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol, ocorrida em 1930. A imagem da taça - uma figura feminina, alada, erigindo um troféu - representa a deusa grega Nike⁶, símbolo da vitória e do sucesso não apenas em guerras, mas também em outras iniciativas (ENCICLOPÉDIA BRITANNICA, 2019). A peça foi

⁶ Segundo a Enciclopédia *Britannica* “a Nike gradualmente passou a ser reconhecida como uma espécie de mediadora do sucesso entre deuses e homens” e, em Roma, era chamada de Vitória (2019).

confeccionada em ouro e sua base, com quatro lados, em pedra semipreciosa de Lápis Lazuli. O objeto criado em 1929, com 35 cm de altura, pesava 3,8kg.

Originalmente denominada como “Vitória”, a taça foi renomeada em 1946 em homenagem a Jules Rimet, idealizador do torneio “Copa do Mundo”. De acordo com as regras deste torneio, o país campeão da Copa do Mundo seria o responsável pela guarda do troféu até sua próxima edição, repassando-o ao vencedor seguinte. O país vencedor de três edições do torneio teria direito à sua posse definitiva. Estas regras foram determinantes para que fatos curiosos ocorressem ao longo da trajetória desta taça, mesmo antes de seu completo desaparecimento no Brasil em 1983.

Um destes fatos ocorreu em 1939, quando a taça estava sob a responsabilidade da Itália, por ter sido a campeã de 1938. O então vice-presidente da FIFA, o italiano Ottorino Barassi, a teria removido secretamente de um banco em Roma, onde era mantida, e a teria escondido buscando impedir que forças nazistas tomassem a escultura – fato que não ocorreu (FIFA, 2018). Segundo informação obtida junto à equipe do Museu Seleção Brasileira, por meio de visita técnica, a taça teria ficado desaparecida por 10 anos ao longo da 2ª Guerra Mundial⁷ e até 1949.

Em 1954, depois de ter sido o 5º país a conquistar a Copa do Mundo, a Alemanha ficou responsável pela guarda da taça até 1958. No entanto, a base da Jules Rimet, com quatro faces, não comportava a colocação de mais uma placa comemorativa que registrasse a vitória alemã, uma vez que já havia uma placa em cada uma de suas faces, representando os quatro primeiros vencedores do torneio. Assim, antes da competição seguinte, a ser realizada em 1958, a base original da taça foi trocada por outra do mesmo material, com oito faces e com espaço suficiente para a colocação de 14 placas comemorativas. A troca, que modificou o aspecto da taça deixando-a mais alta, gerou especulações sobre um eventual desaparecimento da taça “original” durante o período que esteve sob a guarda da Alemanha (FIFA, 2018).

A “base original” da taça – com quatro faces – esteve desaparecida desde então e assim permaneceu ao longo de 60 anos, tendo sido localizada em 2014, nos arquivos da FIFA, em Zurich, pelo pesquisador Guy Oliver, responsável pela organização do acervo da entidade. Atualmente, este objeto tem posição de destaque no museu da entidade na mesma cidade.

⁷ Em razão da 2ª Guerra Mundial, não ocorreram as competições de 1942 e 1946.

O ano de 1966 marcou o início de um tumultuado capítulo na trajetória da taça Jules Rimet. No dia 20 de março, a taça (então com a base de oito faces, colocada em 1954) seria roubada na cidade de Londres, quando sua tutela havia sido passada do Brasil (campeão da Copa do Mundo de 1962) para a Inglaterra, país sede da copa de 1966. Segundo Martin Atherton (2007), autor do livro *“The Theft of the Jules Rimet Trophy”*⁸, imediatamente após o roubo a *Football Association* (FA) deu início a discussões e atividades sigilosas centradas na produção secreta de uma cópia exata do Troféu Jules Rimet. Ainda segundo este autor, a FA iniciou a produção desta cópia em paralelo ao pedido feito à FIFA – e posteriormente negado - para que esta entidade fornecesse uma réplica “oficial” da taça. Por esta razão, Atherton afirma que a FA parecia estar ciente de que “suas ações violavam os direitos autorais da FIFA e, provavelmente, eram até mesmo ilegais” (2005, p.140).

Embora poucos dias após o roubo tenha havido um pedido de resgate pela taça, no valor de £ 15.000, ocasionando a prisão de um suspeito pela polícia inglesa, a Jules Rimet foi encontrada uma semana depois do roubo embaixo de uma cerca viva e enrolada em papel jornal, pelo cachorro *Pickles* – que passeava com seu dono num parque ao sul de Londres. A história foi amplamente coberta pela imprensa do Reino Unido e de outros países e o cão *Pickles* tornou-se um herói nacional (NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, 2016).

Em junho do mesmo ano, a Inglaterra sagrou-se campeã da Copa do Mundo e, segundo relatos obtidos por Atherton (2007), a cópia secreta da Jules Rimet teria substituído a taça original entregue pela Rainha ao atleta Bobby Moore, capitão da seleção inglesa, nas comemorações do dia da vitória. Martin Atherton afirma ainda que, ao longo dos anos seguintes, o troféu original ficou guardado em um cofre de banco e sua “cópia secreta” era regularmente levada a eventos e exposições, por todo o país – por conta das preocupações por parte do presidente da FA (responsável por sua guarda) em relação à segurança da Jules Rimet original. Por fim, em 1970, por ocasião da nova edição da Copa do Mundo, a taça Jules Rimet original foi devolvida à FIFA pela Inglaterra e sua cópia teria sido devolvida a George Bird, seu fabricante, que a teria guardado. Em 1997, esta cópia foi adquirida em leilão e doada posteriormente ao *National Football Museum*, o Museu Nacional do Futebol do Reino Unido, na cidade de Manchester. (ATHERTON, 2007; NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, 2016). Este objeto - juntamente com a coleira, as medalhas e condecorações recebidas pelo

⁸ O roubo da Jules Rimet, tradução nossa.

cachorro *Pickles* – foi musealizado e encontra-se em exposição no *National Football Museum* (NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, 2016).

No ano de 1983, a taça original - cuja posse definitiva havia sido conquistada pelo Brasil, tricampeão mundial, após a Copa de 1970 - foi roubada da sala de troféus na sede da CBF no Rio de Janeiro onde estava em exposição. A taça estava protegida por uma caixa feita de vidro à prova de balas, presa à parede por meio de uma estrutura de madeira, que foi quebrada pelos ladrões. O roubo repercutiu no Brasil e no mundo, gerando indignação e incredulidade, motivando declarações que apelavam para a profunda relação identitária entre os brasileiros e o futebol. O presidente da CBF, à época Giulite Coutinho, declarou que a taça havia sido roubada por aqueles que não teriam nenhum “sentimento de patriotismo” (GADSBY, 2014, tradução nossa) e o atleta Wilson Piazza declarou que o roubo “foi uma ofensa ao povo brasileiro, um furto nacional” (TONI; CAMPOS, 2013).

Embora a história do roubo da taça não pareça ter sido completamente esclarecida, suscitando especulações no Brasil e no mundo, até os dias de hoje, a versão oficial é de que a Jules Rimet, depois de roubada, teria sido derretida. No entanto, os brasileiros podem observar sua réplica no Museu Seleção Brasileira inaugurado na sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2014, no Rio de Janeiro. Esta réplica foi produzida em 1984 pelo Instituto Abel Lefleur na França⁹, a pedido da CBF, como uma “nova taça” ou como uma “réplica oficial” com as mesmas características materiais (ouro e pedras preciosas) da taça roubada. Além desta, foram produzidas também com autorização da FIFA mais duas réplicas, com materiais menos nobres e folheados a ouro que são utilizadas pela CBF (CBF, 2018).

Além da base original, da cópia inglesa e da réplica que está no museu da CBF acima citadas, é válido mencionar que a FIFA presenteou cada um dos países vencedores da Copa do Mundo (inclusive a Inglaterra), até 1970, com uma réplica do troféu Jules Rimet. Em nossa pesquisa sobre este objeto, encontramos ainda outra réplica (folheada a ouro), encomendada pela FIFA e presenteada a Pelé quando ele se tornou o primeiro atleta – e até agora único – a ganhar três campeonatos Mundiais. Esta peça foi vendida por US\$ 570 mil sendo “o objeto mais valioso” do leilão realizado em 2016 que comercializou 1500 objetos do acervo do esportista (GLOBO ESPORTE, 2016).

⁹ Credenciado e autorizado pela FIFA produzir réplicas das taças da Copa do Mundo.

2.2 Considerações autenticidade e valor nos troféus musealizados

Este trabalho trata da taça Jules Rimet - um troféu esportivo presente em diferentes museus do esporte por meio de parte de seu “original” e de suas “réplicas” e “cópias” - e considera as relações de valor estabelecidas em torno desses objetos musealizados. Neste contexto, torna-se imperativo analisar os conceitos de autêntico/réplica ou original/cópia no que tange à atribuição de valores aos troféus esportivos incorporados aos museus e, mais especificamente, às representações desta icônica taça que aqui tomamos como exemplos.

Inicialmente, é preciso esclarecer que, no caso da taça Jules Rimet, a pesquisa indica ter existido de fato um “troféu original”, confeccionado em 1929, como uma peça única. Como vimos, as informações obtidas sobre sua trajetória, desde sua criação e confecção até o momento em que esteve desaparecido na Inglaterra (1966), nos permitem afirmar que, até então, havia um objeto único a ser conquistado e guardado pelos países campeões mundiais do torneio Copa do Mundo. Estamos, portanto, partindo da premissa de que a Jules Rimet teve um “original” e que, ao longo de sua trajetória, a FIFA encomendou reproduções fiéis e oficiais - ou réplicas¹⁰ - e que outras instituições confeccionaram cópias não autorizadas deste objeto.

De todo modo, para além das definições e das eventuais diferenças entre “originais”, “réplicas” e “cópias” dos troféus esportivos, o nosso foco aqui é analisar os caminhos percorridos por determinados exemplares desta taça Jules Rimet, que se convertem em museália, por conta dos valores a eles atribuídos, e que se encontram musealizados nos museus da FIFA, da Seleção Brasileira e no *National Football Museum*. Nesse sentido, nos interessa também compreender como a noção de autenticidade poderá se relacionar a estes objetos.

Primeiramente, é preciso levar em conta o simbolismo dos objetos que representam uma conquista esportiva, ocorrida num momento e lugar específico, numa dada circunstância e empreendida por um personagem (ou personagens) específico(s), com habilidades especiais. A conquista esportiva, representada por aquele objeto, funciona como algo que o torna único, inatingível e irreprodutível, convertendo-o em objeto único. Por esta razão, podemos identificar inúmeros exemplos de objetos produzidos em série que se

¹⁰ Para efeito de nosso trabalho, estamos nos referindo às reproduções oficiais da Taça Jules Rimet como suas réplicas. Embora não tenha sido possível encontrar um consenso entre as definições e eventuais diferenças entre “réplica” e “cópia” – inclusive por conta de questões de tradução – optamos por nos referir a estas reproduções oficiais, autorizadas e idênticas como réplicas.

tornam únicos e que podem ser compreendidos como “objetos autênticos” e como museália, e que foram musealizados por conta de sua trajetória particular, tanto nos museus do esporte como em outros museus.

Além disso, é preciso levar em conta também o valor dos objetos – ou bens culturais – enquanto testemunhos. A camisa usada por um determinado atleta, na conquista de um título específico, por exemplo, pode ser considerada como um “tesouro” e terá um valor diferenciado da camisa oficial do time, que pode ser comprada e cuja reprodução foi devidamente autorizada. Nesse caso, a autenticidade desta peça está relacionada ao seu valor como testemunho da participação daquele objeto (que não é único, muito pelo contrário) específico, utilizado por um determinado personagem, em uma ocasião determinada.

Outra importante questão a ser considerada em nossa análise é a prática amplamente instituída nos museus da utilização de réplicas com distintas finalidades. Peter van Mensch (1995) afirma que as réplicas são feitas para substituir os originais em certas circunstâncias e utilizadas com finalidades científicas, educacionais e em exposições por falta de um original ou por conta da extrema vulnerabilidade deste. No entanto, “o quanto e quais informações do objeto são reproduzidas depende do uso que terá a réplica” (1995, p. 17, tradução nossa). No âmbito das exposições museológicas, as réplicas, cópias e reproduções (além de outras tipologias de objetos e recursos visuais diversos) têm a função de simular os objetos originais e, nesse contexto, são denominadas como “substitutos” (ICOFOM, 1995; DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013).

E essa é uma questão complexa, que suscita debates no campo da museologia – e sobre a qual não iremos nos aprofundar aqui -, uma vez que, dentro das variadas tipologias de museus, a importância do “objeto autêntico” como o único portador possível de significado se coloca. Para Desvallées e Mairesse, “Uma certa tensão opõe o objeto autêntico ao seu substituto. Neste sentido, convém destacar que, para alguns, o objeto semióforo só aparece como portador de significado quando se apresenta por si mesmo e não por um substituto” (2013, p.71).

O problema é que, no que tange ao patrimônio material e aos objetos que funcionam como testemunhos históricos ou artísticos, o valor a eles atribuído costuma estar diretamente relacionado à sua autenticidade material – na medida em que a materialidade

de vestígios do passado no presente seria a chave para que se estabeleçam relações com este passado (BAUER, 2011). Para Peter van Mensch:

Muitos museus enfatizam que estão fornecendo experiências autênticas, ou seja, oferecem um confronto honesto com objetos originais. Objetos originais têm uma conotação emocional, não inerente ao objeto material em si, que nunca pode ser copiado. (...) Este mito, quase metafísico, é algo que, para a nossa natureza ocidental, não pode ser igualado por qualquer cópia. (1995, p. 20, tradução nossa).

Neste complexo cenário, no âmbito da museologia, os objetos - sejam eles “originais” ou “réplicas” – cujo valor como testemunhos se sobressai, podem ser incorporados aos museus, por conta de sua “musealidade”¹¹ e por meio do processo de musealização. Para Stránský, a musealidade de um objeto consiste no “valor documentário específico dos objetos concretos e perceptíveis da natureza e sociedade, o valor de evidência autêntica da realidade” (STRÁNSKÝ *apud* SCHREINER, 1980, p. 39). Mensch relaciona a musealidade de um objeto aos sentidos a ele atribuídos, antes ou depois de sua musealização (MENSCH *apud* LIMA, 2013, p.388) enquanto que Waldisa Rússio (2010) defende que os museus devem se preocupar com a informação que trazem certos objetos, com sua “documentalidade”, sua “testemunhabilidade” e com sua fidelidade.

Cabe mencionar que, ao longo do processo de musealização, compreendido como “um conjunto de processos seletivos baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e divulgação” (LOUREIRO, 2012, p.93), os bens culturais adquirem o status de documentos e o seu valor como fonte informacional se destaca. Van Mensch reconhece que, embora a questão das cópias nos museus seja algo complexo, “pode ser útil começar pela noção do objeto como um portador de informação” (1995, p.15, tradução nossa).

Assim, cientes das muitas nuances envolvendo as definições e relações que se estabelecem entre “autenticidade” e “valor”, fundamentais quando se trata do patrimônio e dos processos de musealização, e considerando que os objetos aqui analisados foram musealizados e adquiriram o *status* de patrimônio dentro deste intrincado panorama, partiremos da premissa que estes objetos – a base original, uma cópia e uma réplica da Jules Rimet - são, antes de mais nada, testemunhos históricos incorporados aos museus por conta

¹¹ Termo cunhado pelo museólogo Zbynek Stránský no início dos anos 1970, em conjunto com o termo “musealização”.

de sua musealidade e de sua capacidade de acionar memórias e de proporcionar uma determinada compreensão do passado.

2.3 A base original da taça no museu da FIFA

A base original da Jules Rimet tem altura de 10 centímetros e carrega os nomes dos vencedores das quatro primeiras Copas disputadas entre 1930 e 1950 (Uruguai em 1930 e 1950; Itália em 1934 e 1938). Esta peça foi encontrada em 2014 nos arquivos da FIFA, em Zurich, pelo pesquisador Guy Oliver, responsável pela organização do acervo da entidade, que declarou à época que se tratava de “um tesouro”. Para David Ausseil, diretor criativo do museu, trata-se de uma relíquia de valor incalculável, com a qual nenhum presidente da FIFA após 1954 teve contato (GLOBO ESPORTE, 2016).

Por meio de pesquisas realizadas no *website* e no *blog* oficial do FIFA World Football Museum, é possível constatar que a base original do troféu Jules Rimet tem posição de destaque e que, sobre ela, foi colocada uma réplica da taça original (Fig. 01).

Figura 01 – Jules Rimet no FIFA Museum



Fonte: internet / FIFA Museum. Na primeira linha Taça Jules Rimet (1938); Réplica da taça Jules Rimet sobre base original (Museu FIFA, Zurich). Na segunda detalhes dos quatro lados da base original da taça.

Também por meio de pesquisa no *website* do museu, compreende-se que existe um original de cada uma das Taças do Mundo – que só pode ser tocado, sem luvas, por chefes

de estado e pelos atletas campeões¹² - e que os países campeões, embora tenham contato com este original no momento de sua vitória, recebem uma réplica, denominada “*FIFA World Cup Winner’s Trophy*”. Nota-se que a FIFA, embora utilize réplicas de seus troféus entregues aos campeões como símbolo de suas vitórias, reforça o valor de determinados exemplares, que se encontra em exposição permanente no museu de Zurich, por se tratar dos troféus originais.

Embora o *website* do museu da FIFA não permita acesso a informações detalhadas sobre as peças em exposição, por meio do *blog* do museu é possível encontrar textos e notícias referentes a esta instituição e seu acervo. Nesse contexto, o “roubo da taça original” ocorrido no Brasil é mencionado em textos que tratam da taça Jules Rimet. Para a FIFA, a Jules Rimet seria um tesouro desaparecido e o seu roubo no Brasil seria algo “de cortar o coração para os fãs de futebol em todos os lugares, especialmente no Uruguai, Itália, Alemanha, Brasil e Inglaterra - os países que ganharam este troféu icônico” (FIFA, 2018). Por esta razão, é possível compreender o valor atribuído a esta parte original da Jules Rimet encontrada em 2014.

2.4 A réplica no Museu Seleção Brasileira (CBF)

A réplica exposta no museu Seleção Brasileira (inaugurado em 2014) foi produzida na França, após o desaparecimento definitivo da taça original em 1983. Sobre ela, no ano de 1984, o atleta Carlos Alberto Torres (ex-capitão da seleção brasileira de futebol de 1970) declarou: "Eu viajei para buscá-la. É idêntica. Se alguém não sabe que a Jules Rimet foi roubada, vai dizer que é a original. Acho até que é mais bonita, porque é novinha “(TONI; CAMPOS, 2013).

Esta réplica ocupa atualmente lugar de destaque no museu, junto com outras réplicas de taças conquistadas pela seleção brasileira (Fig.02). Não há, portanto, “originais” expostos neste museu que, seguindo uma tendência identificada em diversos museus sobre o futebol, no Brasil e no mundo¹³, se propõe a oferecer ao visitante uma experiência interativa, apoiada por recursos tecnológicos, num ambiente aonde os objetos atuam como suportes

¹² A taça original da Copa do Mundo foi entregue ao Museu da FIFA, no ano de sua abertura, pelo brasileiro Cafu e pela atleta, também campeã mundial, Renate Lingor.

¹³ Podemos citar como exemplos o Museu do Futebol em São Paulo, e museus de clubes europeus como o Barcelona e o Real Madrid, na Espanha.

para que se criem conexões com o passado e com as conquistas esportivas por eles representadas.

No contexto do Museu Seleção Brasileira, o papel dos troféus – representados por suas réplicas – seria o de acionar uma determinada compressão do passado e de permitir ao expectador que viva certas “experiências patrimoniais” (COSTA, 2009, p.165), relacionadas às muitas conquistas do futebol brasileiro, por cinco vezes campeão da Copa do Mundo¹⁴ (Fig.02). O contato com as réplicas proporcionaria ao observador uma experiência com a memória das conquistas esportivas que elas representam e funcionariam como “presentificação do passado” (CHAUÍ, 2012, p. 139 *apud* BORGES, 2014, p.213).

Figura 02 – Jules Rimet no Museu Seleção Brasileira



Fonte: internet / Museu Seleção Brasileira. Réplicas da taça Jules Rimet (1ª à direita) e das demais taças de Copa do Mundo conquistadas pelo Brasil em exposição no Museu Seleção Brasileira, Rio de Janeiro.

No entanto, embora este museu não faça menção ao episódio do “roubo da taça” em 1983, a réplica da taça Jules Rimet em exposição remete, inevitavelmente – mesmo que em menor grau à memória do desaparecimento da taça original e ao “fracasso” do Brasil em guardá-la em segurança.

2.5 A cópia no *National Football Museum*

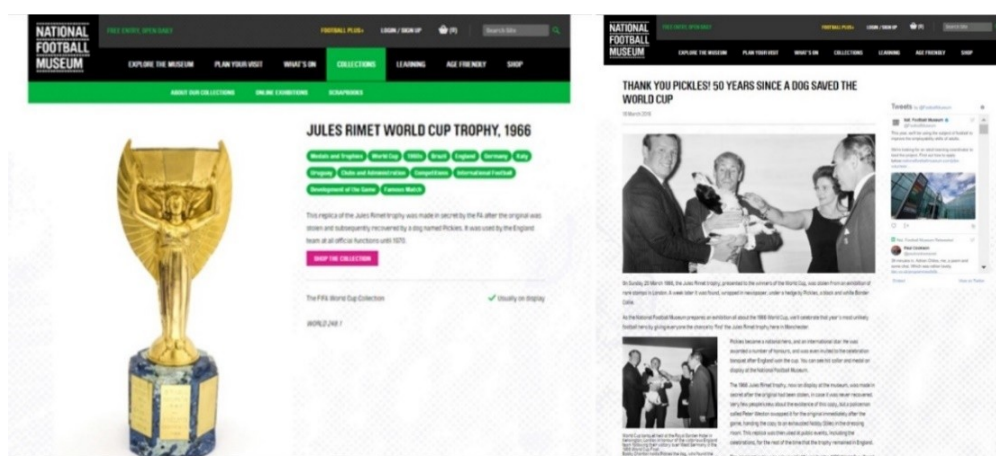
A cópia exposta no Museu Nacional do Futebol, no Reino Unido, produzida sob encomenda da Federação Inglesa de Futebol (FA) tem uma trajetória própria, como vimos. Esta cópia, confeccionada em 1966 secretamente e sem autorização da FIFA, foi utilizada nas

¹⁴Vale ressaltar que o Brasil tem um número recorde de conquistas de Copa do Mundo, em relação aos demais países participantes deste torneio, sendo o único país a ter obtido 5 vitórias neste torneio.

comemorações da vitória de 1966 e em eventos e exposições oficiais da seleção inglesa até 1970, quando a FIFA proibiu oficialmente que se fizessem cópias da Jules Rimet (NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, 2016). Posteriormente, foi guardada por seu autor, George Bird, por 25 anos¹⁵, até ser adquirida em leilão, em 1997, por um comprador anônimo (posteriormente identificado como um funcionário da Federação Inglesa, agindo em nome da FIFA) por £254,500 - valor que corresponde a mais de 10 vezes o valor material e financeiro da peça e que foi justificado pelos “rumores” de que esta fosse a taça original roubada no Brasil. A taça ficou guardada na sede da FA e foi doada em 1998 ao *National Football Museum*, passando a ser exposta em 2001 e, em 2016, foi examinada por especialistas da Universidade de Manchester que comprovaram tratar-se verdadeiramente de uma cópia (REYNOLDS, 2016; GADSBY, 2017).

Neste sentido, esta cópia, assim como a réplica brasileira, proporciona ao espectador uma experiência patrimonial. No entanto, ao contrário da réplica exposta no Museu Seleção Brasileira, trata-se de uma reprodução da Jules Rimet que parece estar mais conectada à conturbada história vivida pela “taça original” - roubada e recuperada em Londres - do que à única conquista da Copa do Mundo pela Inglaterra, no ano de 1966.

Figura 03: Detalhes de páginas da internet do *National Football Museum*.



Fonte: internet / *National Football Museum*.

¹⁵ Em 2014, o *National Football Museum* organizou um evento intitulado “Jules Rimet Was Under My Bed”, que contava com palestras, exposição da taça e de outros objetos relacionados à Copa de 1966.

Em pesquisa realizada no *website* do *National Football Museum*, é possível perceber que a cópia da taça, em destaque neste museu, representa – acima de tudo – o orgulho pela recuperação do original após o roubo em 1966 e a cultuada história do seu resgate, protagonizado pelo cachorro *Pickles* (Fig. 03). No ano de 2016, por exemplo, o museu organizou uma série de eventos e a réplica foi levada a diversos locais, como parte das comemorações referentes à recuperação da Jules Rimet, há 50 anos. Neste sentido, é possível supor que o passado e seus acontecimentos estão representados e também ressignificados por esta réplica, acompanhada de objetos emblemáticos e relacionados à recuperação da taça original roubada, como a coleira e outros objetos pertencentes ao cão *Pickles*. Assim, para os ingleses, a réplica da taça Jules Rimet está associada também a uma vitória de outra natureza, qual seja a eficiência da *Scotland Yard* (polícia nacional) e sua capacidade de recuperar a taça roubada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do amplo universo do patrimônio esportivo, a nossa pesquisa nos levou, inevitavelmente, ao mundo do futebol e seus símbolos. A taça Jules Rimet – troféu icônico do futebol mundial e conquistado definitivamente pelo Brasil, como um emblema representativo da supremacia brasileira neste esporte - foi ponto de partida para a nossa reflexão. O seu completo desaparecimento, no ano de 1983, sua posterior substituição, em 1984, por uma “réplica oficial”, que se encontra musealizada, já seriam razões suficientes para levantar questões no que se refere à noção de autenticidade e aos valores atribuídos aos troféus e suas réplicas, no âmbito do patrimônio e da museologia.

No entanto, desde o início de nossa pesquisa, nos deparamos com novas questões. Encontramos, além da réplica “oficial” brasileira, fornecida pela FIFA e confeccionada com os mesmos materiais preciosos do original perdido, duas réplicas encomendadas pela CBF e canceladas por esta entidade, e constatamos que a FIFA presenteou com réplicas os países campeões deste torneio até 1970 e o jogador Pelé.

Além disso, encontramos parte do troféu Jules Rimet original – sua base, confeccionada em 1929 – em exposição no museu da FIFA (Zurich) e uma cópia britânica, repleta de história e em exposição no importante *National Football Museum*, na cidade de

Manchester. Assim, a partir da análise dos exemplares musealizados na Suíça, no Brasil e no Reino Unido, iniciamos a nossa reflexão.

Ao analisar o papel desempenhado pela base original da taça em exposição no FIFA Museum (Zurich), descrita pela entidade como “Uma parte de um dos dez maiores tesouros perdidos do mundo, ocupando um lugar de destaque em nossa coleção” (FIFA, 2018), identificamos que esta peça não ocupa o lugar deixado pelo original, uma vez que este, por direito, passou a pertencer ao Brasil. Porém, a parte original da primeira taça, no museu da FIFA, funciona como um objeto cujo valor está relacionado “às histórias e ao folclore associados a Jules Rimet” (FIFA, 2018) mas, principalmente, à proposta deste museu, que proclama possuir e apresentar todos os originais das taças de Copas do Mundo.

Para analisar o papel da réplica brasileira da Jules Rimet, dentro da proposta e da estrutura do Museu Seleção Brasileira da CBF, é preciso considerar que este objeto se encontra em exposição junto com outras quatro réplicas produzidas também sob a tutela da FIFA e que este museu utiliza apenas réplicas para representar as conquistas brasileiras no futebol. No contexto deste museu todos os troféus internacionais conquistados pelo Brasil no futebol são representados por réplicas, tão “oficiais” e “autênticas” quanto à réplica da Jules Rimet. Desta forma, a réplica não apenas retroalimenta um original desaparecido, na medida em que ocupa o espaço deixado por ele, como o representa, ao invés de apostar na possibilidade da experiência da ausência, vivenciada no seu vazio pelo público. Concomitantemente, esta réplica, com uma trajetória histórica própria e relevante para sua narrativa biográfica, cumpre um falso duplo papel coadjuvante, de substituto de um original, na medida em que de fato não é o original, e de uma réplica única, uma vez que existem outras réplicas. Neste contexto, é possível compreender esta réplica brasileira como testemunho de uma vitória inédita do futebol nacional (a conquista de três Copas do Mundo), e como um objeto que se relaciona à magnitude do que esta vitória representa para os brasileiros.

Ao contrário da réplica brasileira, a cópia da Jules Rimet em exposição no *National Football Museum*, assim como a base original do museu FIFA, não se propõe a ocupar o espaço de um original desaparecido – uma vez que a Inglaterra jamais teve a posse definitiva da taça Jules Rimet. Assim, embora também se relacione à vitória deste país na Copa do Mundo de 1966 e a paixão dos britânicos por este esporte, esta cópia parece testemunhar com mais veemência uma vitória de outra natureza. Por meio deste objeto, o passado

glorioso da polícia nacional, a *Scotland Yard*, a história do cachorro “herói” *Pickles* e a conturbada trajetória deste objeto no país, desde sua produção em 1966 até sua compra em leilão em 1997, são permanentemente revividos e ressignificados. Assim, esta cópia da Jules Rimet funciona também como um testemunho histórico de fatos relevantes, que vão além da história do esporte no país.

Cientes de que aqui apenas iniciamos uma complexa discussão, podemos afirmar com segurança que os troféus esportivos são objetos atrelados à memória e, por meio de sua relação com fatos históricos e sociais e para além das conquistas esportivas que representam, estes objetos revelam um passado que pode ser permanente ressignificado no presente.

Por fim, podemos afirmar também que, por meio da musealização dos troféus esportivos – ou de determinadas reproduções destes troféus - cabe aos museus associar a eles o máximo de informação para que permaneçam como testemunhos dos feitos gloriosos que representam e para que seu significado e seu valor se renovem ao longo do tempo. Além disso, os troféus enquanto objetos cujo valor repousa enormemente em sua capacidade de “significar” (embora não se possa desconsiderar o valor monetário das peças), parecem desafiar as noções clássicas de autenticidade e de originalidade, quando percebemos o quanto réplicas e cópias de troféus icônicos podem funcionar como testemunhos históricos nos museus, em vários níveis.

REFERÊNCIAS

ATHERTON, Martin. *The Other Jules Rimet Trophy*. **Sport in Public History**, Reino Unido, v. 25, n. 1, p. 138-151, Abril 2005.

BACHEGA, Hugo. Jules Rimet, a taça da Copa que foi roubada duas vezes. **BBC Brasil**, São Paulo, 9 de mai. de 2014. Disponível em:
<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140422_sp_jules_rimet_taca_hb >
Acesso em: 15/4/2018

BAUER, Leticia. Uma ‘verdadeira réplica’: considerações acerca da noção de autenticidade no campo do patrimônio cultural. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 26, p. 14-28, dez. 2011.

BROMBERGER, Christian. *De la notion de patrimoine sportif*. **Cahier Espaces 88**. Patrimoine sportif et tourisme. França: Espaces, 2006, p. 8 a 12.

BORGES, Luis C. Museu e memória na construção de metarrealidades. **Actas del XXII Encuentro del ICOFOM LAM: nuevas tendencias para la museología en Latinoamérica**. Buenos Aires, 2015, p 209 - 239

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARAÚJO, Marcelo Mattos; COUTINHO, Maria Inês Lopes. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo/Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. p. 203-210.

DESVALLEES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. São Paulo: ICOM, 2013. 100p.

FERNANDEZ, Martin. Museu da Fifa tem a base original da Taça Jules Rimet, roubada em 1983. **GLOBO ESPORTE**, Zurique, 24 de fev. de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2016/02/museu-da-fifa-tem-base-original-da-copa-jules-rimet-roubada-em-1983.html>> Acesso em: 15/4/2018

FIFA divulga números de audiência da Copa de 2014: mais de 1 bi na final. **Globo Esporte**, 2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/12/fifa-divulga-numeros-de-audiencia-da-copa-de-2014-mais-de-1-bi-na-final.html>> Acesso em: 12/5/2018

GADSBY, Paul. *World Cup mystery: what happened to the original Jules Rimet trophy?* **The Guardian**, 13 de jun. de 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2014/jun/13/world-cup-mystery-what-happened-jules-rimet-trophy>> Acesso em: 12/7/2018

GASTAUT, Yvan. *Le sport comme patrimoine. Rencontres au tour du patrimoine sportif et de l'amémoire du sport*. Nice: Musée National du Sport; Université Nice Sophia Antipolis, 2015.

ICOM. **Originals and Substitutes in Museums**. Organização: Vinos Sofka. Zagreb, 1985. 227p.
IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. Rio Cricket e Associação Atlética: Mais de um Século de Paixão pelo Esporte. **Rio de Janeiro, Arte Ensaio, 2008**.

LAMOTHE, Mathilde. *De la neige à la terre battue: approche comparative ethnologique de pratiques sportive - raquettes à neige au Québec et quilles de 9 en France - au prisme du patrimoine culturel immatériel*. Tese (Doutorado) – Curso de Etnologia/Antropologia e Filosofia, École doctorale sciences sociales et humanité, Canadá; Université de Pau et des Pays de l'Adour, França, 2016. 431f.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. **CI. Inf.**, Brasília, DF, 2013 (v. 42 n. 3). p.379-398.

LOST and Found: FIFA's Masterpiece. **FIFA World Football Museum**, 2016. Disponível em: <<http://www.fifamuseum.com/stories/blog/lost-and-found-fifa-s-masterpiece-2610053/>> Acesso em: 25/3/2019

MELO, Victor Andrade. **Por uma história do conceito de esporte**. In: Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 32, n. 1, p. 41-57. 2010.

MELO, Victor Andrade. **Esporte e Lazer: Conceitos**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, 124p.

MITIDIERI, Maria Cristina de A. **100 Anos do Rio Yacht Club: a construção de um patrimônio**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio. UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, 2017, 187 p.

NIKE Greec Goddess. **Enciclopedia Britannica**, 1998. Disponível em:
<<https://www.britannica.com/topic/Nike-Greek-goddess>> Acesso em: 01/4/2019

PHILLIPS, Murray G. (org). **Representing the Sporting Past in Museums and Halls of Fame**. Londres: Taylor & Francis, 2012, 267p.

REILLY, Justine. **Sport, Museums and Cultural Policy**. 2014. Tese (doutorado) - Curso de Filosofia, University of Central Lancashire, Reino Unido (Volume 1 of 2)

REYNOLDS, MATT. *X-ray scanning proves Fifa paid £250,000 for a replica Jules Rimet trophy*. **Wired UK Magazine**, Londres, 29 de jul. de 2016. Disponível em:
<<https://www.wired.co.uk/article/jules-rimet-fake-trophy-discovered>> Acesso em: 22/03/2019

SCHREINER, Klaus. *Museology: science or just practical museum work?* **Museological Working Papers**, v. 1, p. 39-41, 1980.

THANK You Pickles! 50 Years Since a Dog Saved the World Cup. National Football Museum, 2016. Disponível em: <<http://www.nationalfootballmuseum.com/news/thank-you-pickles-50-years-since-a-dog-saved-the-world-cup>> Acesso em: 12/7/2018

TONI, Bruna; CAMPOS, Ciro. Sumiço da Jules Rimet completa 30 anos e sem punição aos envolvidos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 dez. 2013. Disponível em:
<<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,sumico-da-jules-rimet-completa-30-anos-e-sem-punicao-aos-envolvidos,1110689>> Acesso em: 15/4/2018

CBF. **Museu Seleção Brasileira**. Galeria. Disponível em:
<<https://museuselecaobrasileira.com.br/museu-selecao-brasileira>> Acesso em: 15/4/2018

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. **Jules Rimet World Cup Trophy**. Collections, c2018. Disponível em: <http://www.nationalfootballmuseum.com/collections_detail/jules-rimet-world-cup-trophy-1966> Acesso em: 15/4/2018